

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM JORNALISMO ESPORTIVO**

Gustavo Andrada Bandeira

Garra, força e bravura: representações de futebol gaúcho campeão da América

**PORTO ALEGRE
2012**

Gustavo Andrada Bandeira

Garra, força e bravura: representações de futebol gaúcho campeão da América

Artigo acadêmico apresentado ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia como requisito parcial para a conclusão do curso de Especialização em Jornalismo Esportivo.

Orientadora – Prof^a Ms^a Sabrina Franzoni

**PORTO ALEGRE
2012**

À Letícia pelas esperas
das noites de aulas e
das tardes e noites
do Grêmio.
Também ao Pietro,
o mais novo gremista
fanático da família.

AGRADECIMENTOS

Agradecer, para mim, é uma necessidade. É um reconhecimento aos que comigo estiveram direta ou indiretamente nessa caminhada que aqui apresenta seu produto final.

Preciso começar agradecendo a minha mãe pelos cafés antes das aulas e a companhia no Olímpico junto com o meu irmão. Também ao meu pai por ter me feito gremista.

Agradeço também a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a seu programa de Isenção de Pagamento de Taxa em Curso de Especialização pela gratuidade na realização dessa pós-graduação *Lato Sensu*. Também agradeço ao apoio do coordenador do curso de Administração, da Escola de Administração, professor Denis Borenstein, que, mesmo sem entender muito de minhas pesquisas, apoiou a realização do curso e a Nanci Anjos da Silva pelo apoio e cobertura na flexibilização do horário para que eu pudesse assistir às aulas.

Permito-me fazer uma menção honrosa a duas professoras maravilhosas que me dão a honra de serem minhas madrinhas de casamento. À Dagmar Meyer que foi a primeira a me incentivar a trabalhar com futebol e a Guacira Louro, uma grande companheira nesse investimento acadêmico-futebolístico.

Uma afetiva saudação aos coordenadores desse curso de especialização em Jornalismo Esportivo, professora Sandra de Deus e professor Alberto Reppold Filho pelo entusiasmo e iniciativa. Agradeço ao corpo de professores do curso, especialmente aos professores Arlei Damo e Marcia Benetti pelas instigantes oportunidades de diálogo. Por último para ganhar mais destaque, a querida companheira e orientadora Sabrina Franzoni pela paciência, escuta solidária e leitura atenta e dedicada.

E também aos queridos colegas de curso que me deram a melhor turma de minha vida acadêmica! Muitos desses colegas têm grande potencial para construirmos uma amizade longa, sincera e duradoura. Especial destaque para os que já são grandes amigos, Andreza Stefani, menina querida, muito criativa e sempre atenta a grandes cornetas, Carlinhos Diefentheler, o maior crachá de apresentação do mundo, Marcelo Salzano, o jornalista fura-fura da Guaíba – já vai secador! – e Matheus Beck, apesar de trabalhar para o capeta e gostar de futebol europeu, uma grande figura!

A todos meu muito obrigado!

Garra, força e bravura: representações de futebol gaúcho campeão da América

Gustavo Andrada Bandeira
Especialização em Jornalismo Esportivo/UFRGS

RESUMO

Nesse trabalho pretendi discutir como a mídia impressa narrou as quatro conquistas da Libertadores da América dos clubes de futebol de Porto Alegre observando quais características foram exaltadas nos momentos das vitórias para mapear as representações de futebol gaúcho que circularam nos periódicos. Para tanto, aproximei-me de uma análise de discurso de inspiração Foucaultiana, especialmente na identificação dos sentidos do futebol gaúcho. Como material empírico, selecionei quatro edições do jornal *Correio do Povo* e quatro do jornal *Zero Hora* dos dias posteriores aos títulos da Libertadores da América, conquistadas por Grêmio e Internacional. A escolha pelas vitórias se deu em função da grande valorização dessas dentro da lógica da cobertura da imprensa esportiva. Algumas derrotas podem não ter permitido a mesma positividade dada ao futebol gaúcho no momento das conquistas. Os títulos foram creditados a diferentes comunidades simbólicas. Em determinados momentos apenas os clubes foram campeões enquanto em outros o futebol gaúcho ou ainda o futebol brasileiro. Se na representação mítica de futebol brasileiro a alegria e a malemolência aparecem com protagonismo, na representação mítica de futebol gaúcho campeão da América as características singularizantes são os elementos viris de força, coragem, garra e bravura.

PALAVRAS-CHAVE: futebol gaúcho, imprensa esportiva, representação, Libertadores da América.

Aquecimento

Nesse trabalho pretendo discutir como a mídia impressa narrou as quatro conquistas da Libertadores da América dos clubes de futebol de Porto Alegre observando quais características foram exaltadas nos momentos das vitórias. Como essas narrativas se aproximaram ou se afastaram dos valores exaltados na construção das representações sobre o Rio Grande do Sul e seu tipo social específico, o gaúcho. Será possível pensar em futebol gaúcho a partir das representações vitoriosas realizadas pela imprensa esportiva gaúcha?

Ao longo do século XX o futebol construiu-se em um importante marcador da cultura brasileira, podendo ser entendido como um dos principais símbolos da identidade nacional. Para Arlei Damo, o atravessamento do futebol é indispensável na construção das identidades dos meninos no Brasil: “o futebol cumpre a mesma função significante do vestuário, especialmente para os brasileiros do gênero masculino. [...]desdenhá-lo equivale a andar nu” (2002, p. 11).

Os efeitos simbólicos do futebol brasileiro podem aproximar os brasileiros enquanto “povo” ao mesmo tempo em que os afasta dos outros “povos”, “os brasileiros aprendem, desde cedo, que o futebol – tal como o samba, o carnaval, as mulheres sensuais e a caipirinha – é dom exclusivamente nacional” (SILVA, 2006, p. 15). Não devemos imaginar, porém que essas produções identitárias aconteçam em uma única via, condicionando todos os nascidos no Brasil a seguirem ou a apropriarem-se de uma única identidade nacional. O futebol no Brasil permite, também, a construção de reconhecimentos e afastamentos clubísticos, locais, regionais, religiosos, raciais, de classe...

Segundo Eduardo Archetti (2008), os profissionais do jornal *El Gráfico* possuem autoridade e influência na construção de uma visão mítica sobre o futebol argentino. Quando pensamos no futebol brasileiro, o nome de Mário Filho aparece destacado na “fundação do *mito* do futebol brasileiro – alegre, malemolente, vencedor e miscigenado” (COELHO, 2006, p. 239) permitindo, ou iniciando, a apropriação do futebol como elemento singular nas representações sobre o Brasil e os brasileiros.

Nesse contexto de construção de identidades, a imprensa esportiva ocupa um lugar de protagonismo. Se pensarmos dentro de uma perspectiva construcionista, a identidade não é uma essência, mas é produzida em diferentes níveis ao longo da vida e por todos os sujeitos. Esse caráter construído da identidade, que se dá na relação do sujeito com outros sujeitos e com o mundo em que vive, permite que diferentes atores produzam narrativas e conteúdos que possam interpelar de modo diferente os distintos sujeitos.

A imprensa esportiva, associada à atividade jornalística, acaba valendo-se da legitimação simbólica concedida à construção de realidades publicamente relevantes. Os textos jornalísticos possuem um efeito de literalidade. Segundo Marcia Benetti “o efeito de literalidade cresce proporcionalmente ao apagamento de uma ideologia *como* ideologia – quanto mais naturalizada a ideologia, mais as formações discursivas que dela derivam carregam sentidos que parecem literais” (2010, p. 108).

Boa parte dessa aproximação entre futebol, imprensa e identidade nacional se dá a partir das representações da seleção brasileira de futebol masculino. Como pensar na construção de uma identidade regional – no caso deste trabalho, gaúcha – uma vez que não existem selecionados regionais que possam ocupar esse espaço de unificador ou catalisador das representações? Na imprensa regional, os clubes acabam ocupando esse espaço identitário delegado à seleção brasileira no cenário nacional.

Imprensa esportiva e o futebol de espetáculo

Damo (2006) entende que o futebol de espetáculo se divide em quatro categorias de agentes: os profissionais, os torcedores, os dirigentes e os mediadores especializados. Os profissionais são os jogadores, treinadores e preparadores envolvidos com os jogos. Os torcedores se constituem no público com variados graus de interesse e envolvimento durante as partidas. Os dirigentes podem ser profissionais ou amadores filiados aos clubes ou as federações. Os mediadores especializados são profissionais que trabalham na espetacularização do futebol e produzem narrativas sobre os eventos futebolísticos¹. Esses mediadores são responsáveis por grande parte dos espaços jornalísticos na televisão, rádios, internet e jornais impressos. Eles podem ser profissionais da comunicação ou ex-atletas e ex-dirigentes que teriam a função de “explicar” os eventos para o público que de alguma forma não seria “apto” a lê-los sozinho. Esses mediadores, apesar de suas diferentes origens, são chamados costumeiramente de cronistas esportivos e são os principais atores do que se pode nomear de jornalismo ou de imprensa esportiva.

No Brasil, o início da relação entre imprensa e esportes não aconteceu única e exclusivamente a partir da resposta dos mediadores aos eventos futebolísticos. A imprensa escrita foi protagonista no desenvolvimento do futebol como objeto de consumo e registrava aumento de vendas quando determinados periódicos aumentavam o espaço dos cronistas esportivos (BOTELHO, 2006). No país, as profissionalizações do futebol e do jornalismo esportivo caminharam juntas, “o enriquecimento do futebol e sua profissionalização estão diretamente relacionados ao fortalecimento da imprensa esportiva no Brasil” (MARQUES, 2003, p. 4)².

¹ Ao longo do texto o termo “mediadores” será utilizado para designar os profissionais de diferentes áreas que atuam na imprensa esportiva.

² A invenção do profissional da crônica de futebol é, desse modo, simultânea à do próprio futebol profissional no Brasil, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do

Assim como o jornalismo esportivo ocupou e ocupa um lugar de destaque na produção e circulação simbólica sobre o esporte e sobre o futebol, ele permite, também, ampliar algumas problematizações de outras áreas do jornalismo. Como lembra Miquel Rodrigo Alsina “o discurso da mídia não é somente informativo, não pretende só transmitir o saber, mas também pretende fazer sentir” (2009, p. 49). Eugênio Bucci (2001) acredita que quando o jornalismo passa a emocionar mais do que informar, cria-se um problema ético, uma vez que a função do jornalismo seria justamente o de promover o debate de ideias no espaço público. O jornalismo esportivo pretende fazer sentir. Eventualmente, essa relação pode aparecer antes mesmo da transmissão da informação³, de um determinado saber ou do “debate de ideias”. Essa característica, inclusive, poderia ser uma das explicações para a série de restrições empregadas aos jornalistas esportivos por jornalistas de outras áreas⁴.

O próprio esporte poderá preencher requisitos que se associam a diferentes valores midiáticos e jornalísticos. O esporte trabalha com a imprevisibilidade do resultado, mas com a total previsibilidade de eventos com os calendários repetidos. Segundo Alsina, as vitórias e derrotas de um time de futebol estariam associadas com as notícias que atingem “diretamente e de forma emotiva ou ideológica, mas não repercute com muita relevância na vida cotidiana da pessoa” (2009, p. 147). Quanto ao caráter simbólico e de construção das identidades, porém, essas associações “emotivas ou ideológicas” parecem possibilitar uma maior interpelação do que algumas informações técnicas e de alteração do cotidiano como, por exemplo, o preço dos combustíveis. As informações ou espetacularizações esportivas permanecem sendo um recurso utilizado pelas empresas jornalísticas para auxiliarem seus departamentos financeiros, “qualquer jornalista sabe que, quando o time local ganha, vendem-se mais jornais” (ALSINA, 2009, p. 158). O jornal *Zero Hora* (ZH) em 1983 e o jornal *Correio do Povo*⁵ (CP) em 2006 e 2010 apresentaram, além de suas tradicionais seções de esporte em que

evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem da imprensa esportiva (MARQUES, 2003, p. 4).

³Não existe, no jornalismo factual, informação sobre os esportes, existe propaganda sobre o esporte, publicidade de marcas e logos, propaganda ideológica sobre os suas relações de poder. Sensacionalismo e merchandising (MESSA, 2005, p. 3).

⁴BUENO (2005) argumenta que, apesar do espaço privilegiado na mídia, o jornalismo esportivo está afastado de uma experiência madura do “fazer jornalístico” e da excelência profissional.

⁵ De agora em diante, referenciarei os jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo* como ZH e CP, respectivamente.

repercutiram as conquistas do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e do Sport Club Internacional⁶, suplementos especiais com a trajetória desses clubes campeões.

Os elementos espetacularizados, as narrativas sobre futebol brasileiro ou futebol gaúcho, não podem estar distante do que a comunidade a quem essa informação esteja sendo dirigida imagina de si e dos eventos informados/espetacularizados. Em diversas narrativas, os jornalistas procuram afastar-se dos torcedores por entenderem que esses são movidos pela emoção ao pensarem e falarem sobre futebol. Esses cronistas acabam associando-se a uma lógica pouco flexível e que, aparentemente, não possui relevância definitiva no processo de apropriação de sentido. Para Alsina, “não há por que pensar que a criação de sentido é um processo exclusivamente racional; as emoções nos ajudam a dar sentido à realidade” (2009, p. 273).

Outro tema recorrente nos debates jornalísticos se dá em relação a imparcialidade/neutralidade. Sem querer entrar nas grandes polêmicas sobre essa temática, registro, apenas, que essa situação não parece problemática para os jornalistas esportivos. Marquez define que a cobertura futebolística e esportiva segue uma lógica “clubística, regionalista, partidária e passional” (2003, p. 6). Sobre o mesmo assunto, Wilson Bueno (2005) destaca que um bom número de profissionais procuram favorecer nas transmissões e em comentários os times de maior torcida ou dos grandes centros. A cobertura dos jogos envolvendo a seleção brasileira de futebol é exemplar para enxergarmos essa postura engajada dos mediadores na imprensa esportiva nacional. A imprensa esportiva de Porto Alegre sempre narra os eventos futebolísticos a partir de Grêmio ou Internacional.

Representação de futebol gaúcho em um contexto de emoção

O propósito dessa investigação foi mapear como as representações de futebol gaúcho circularam nos jornais impressos após as conquistas das Libertadores da América pelos clubes de Porto Alegre. Algumas perguntas me auxiliaram a focar o olhar: quais as representações de futebol gaúcho apareceram nos periódicos? Os campeões foram os clubes, o estado ou o país? A rivalidade Gre-Nal teve lugar nessas edições? Que atributos foram associados ao gauchismo e a masculinidade nas narrativas sobre os campeões?

⁶ A partir desse momento, farei referência aos clubes apenas como Grêmio e Internacional.

Para tanto, aproximei-me de uma análise de discurso de inspiração Foucaultiana. O uso da análise de discurso nessa investigação se deu especialmente na identificação dos sentidos do futebol gaúcho. Não de forma definitiva, mas na investigação de como ocorreram suas construções. Nessa perspectiva, não se pretende sobre o texto jornalístico pensado como documento, “determinar se diz a verdade nem qual seu valor expressivo” (FOUCAULT, 2009, p. 7), mas qual a positividade desses textos na construção da representação do futebol gaúcho.

A descrição, na seção anterior, sobre o lugar do jornalismo esportivo dentro da ordem discursiva do jornalismo foi fundamental para o entendimento das interpretações. Dessa perspectiva é sempre necessário questionar quem fala, de que lugar institucional fala e que posição de sujeito ocupa. A necessidade de assinalar essa posição de sujeito da crônica esportiva é relevante para “determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 2009, p. 108).

Conforme Alsina, a “mídia não reflete a sociedade, mas a representa” (2009, p. 65). Nessa investigação, procurei mapear as representações de futebol gaúcho. Para Guacira Louro, na perspectiva pós-estruturalista, a representação “tem efeitos específicos, ligados, sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder” (2001, p.16). No registro pós-estruturalista, a representação é sempre uma marca visível, material. Para identificar quais as representações de futebol gaúcho que circularam nos jornais, não busquei descobrir o que os mediadores ou publicitários quiseram dizer ao construir uma notícia, um comentário ou uma propaganda, mas sim, o que eles disseram nas notícias, comentários e propagandas nos exemplares dos dias posteriores as decisões das Libertadores da América em que o Grêmio e o Internacional venceram, procurando observar quais as repercussões e adjetivações apareceram nesses dias de exaltação dos atletas, das torcidas, dos clubes e do futebol gaúcho.

Não parece adequado pensar que só exista uma representação de futebol gaúcho vencedor (gremista ou colorado). Como o significado da representação não consegue associar-se plenamente ao significante, ela, a representação, não pode ser lida como fixa, estável, determinada...

[...] a representação só adquire sentido por sua inserção numa cadeira diferencial de significantes. Ela é representação de alguma “coisa” não por sua identidade, coincidência ou correspondência com essa “coisa”, mas por representá-la (por meio de um significante) como diferente de outras

“coisas”. [...] É precisamente essa dependência de uma cadeia de diferença que confere à representação seu caráter indeterminado (SILVA, 2003, p. 41).

Para esse trabalho, selecionei quatro edições do CP e quatro de ZH dos dias posteriores aos títulos da Libertadores da América, conquistadas por Grêmio e Internacional⁷. A escolha pelas vitórias se deu em função da grande valorização dessas dentro da lógica da cobertura da imprensa esportiva. Bueno (2005) entende que a imprensa valoriza apenas os vencedores, descartando os demais. Algumas derrotas podem não permitir a positividade desse futebol gaúcho.

O espaço futebolístico na imprensa do Rio Grande do Sul é absolutamente cotidiano. Grêmio e Internacional estão todos os dias nos jornais impressos e em boa parte deles, inclusive, na capa. Conceitualmente, porém, os eventos esportivos podem ser pensados como acontecimentos por fugirem do ordinário e da normalidade, alterando o cotidiano de seu público e da cidade em que se realizam. Alguns deles, como as finais da Libertadores da América, são mais espetaculares ou mais acontecimentos que os demais. Fugir ao cotidiano traz uma série de implicações nas representações culturais dos eventos. Quando fugimos de nossos comportamentos ordinários existe uma reconfiguração das hierarquias entre o permitido e o proibido. Ao investir na repercussão dos “jogos mais espetaculares” foi interessante observar que elementos foram acionados para redimensionar esses eventos.

Foi possível observar como as emoções de diferentes atores envolvidos nos jogos foram convocadas como lógica explicativa para a narrativa dos eventos. Na capa do CP, em 1983, o segundo tempo foi caracterizado como de Libertadores, com “emoção em cada lance” (1983i, capa). Na narrativa cronológica da partida, no mesmo jornal, após sofrer o empate, a equipe gremista “precisou dominar a emoção, driblar a adversidade e reagir” (1983a, p. 16). Em ZH, a coragem e o heroísmo dos jogadores foram importantes para a equipe que “teve de superar seu próprio nervosismo e alguns erros” (1983r, p. 35).

Das quatro conquistas da América, a única em que o jogo final ocorreu fora de Porto Alegre foi em 1995, quando o Grêmio conquistou o bicampeonato ao empatar contra o Atlético Nacional em Medellín (Colômbia). O encerramento do jogo durante a

⁷ Foram utilizadas as edições do CP nº 250, ano 88, de 29 de julho de 1983; nº 335, ano 100, de 31 de agosto de 1995; nº 321, ano 111, de 17 de agosto de 2006; nº 324, ano 115, de 19 de agosto de 2010 e as edições de ZH nº 6518, ano 20, de 29 de julho de 1983; nº 10970, ano 32, 3ª edição, de 31 de agosto de 1995; nº 14965, ano 43, 2ª edição, de 17 de agosto de 2006; nº 16421, ano 47, 2ª edição, de 19 de agosto de 2010.

madrugada diminuiu de forma considerável a quantidade de materiais na edição do dia seguinte ao confronto. Ainda assim, ZH destacou a “dramática reconquista da América” (1995a, p. 74). Segundo a matéria, “o futebol brilhante de um campeão se perde entre lances de nervosismo” (Ibidem). Wianey Carlet foi definitivo ao associar os ânimos aflorados com o momento vitorioso, “A decisão foi dolorida, transbordante de sofrimento, mas alguém já disse que a felicidade está na dor, ou depois dela” (1995, p. 89).

Em 2006, no CP, Ilgo Wink destacava que as emoções do jogo trepidante contra o São Paulo ficariam na memória e no coração dos colorados (2006, contracapa). Em ZH, David Coimbra definiu que a decisão foi típica de Libertadores “tensa, cheia de ocorrências, cheia de emoção” (2006, p. 46). Os adversários da equipe do Internacional não se resumiram aos jogadores da equipe adversária. O time também precisou “superar seus próprios nervos” (Ibidem). O comentarista Ruy Carlos Ostermann destacou que “nunca houve uma decisão tão dramática [...]. Foi uma tensão só, nunca se viu coisa igual” (2006, p. 57).

Na contracapa do CP, Fabrício Falkowski destacou o sofrimento do bicampeonato da Libertadores, “a torcida sofreu, os jogadores sofreram. Celso Roth sofreu, todos sofreram” (2010, contracapa). Na continuação da reportagem, ele destacou que o gol marcado pelo adversário ao final do primeiro tempo foi responsável por levar “pânico” ao Beira-Rio. O gol foi uma surpresa para “a metade vermelha do Rio Grande, que esperava muito mais tranquilidade” (Ibidem).

Conforme Jaime Giolo, os processos históricos acontecem em duas dimensões: “na dimensão do fato (melhor, dos fatos) e na dimensão da versão do fato (melhor, das versões do fato). Nunca independentes e nunca confundidas, essas duas dimensões se revezam no ‘protagonismo’ da história”. (2002, p. 5). Nessa investigação, a preocupação se deu, inadvertidamente com as versões dos fatos encontradas nos periódicos. Não procurei averiguar a exatidão das descrições com o ocorrido, mas sim, como foram descritos os títulos de Grêmio e Internacional.

A ordem discursiva do futebol gaúcho

Gaúchos ou brasileiros? Quais dessas identidades poderiam explicar melhor as experiências dos sujeitos nascidos ou que vivem no Rio Grande do Sul? Seríamos mais regionais ou nacionais? Um país com dimensões continentais como o Brasil e com uma história múltipla de colonização só consegue construir uma identidade ou uma história

nacional unificada se tentar apagar ou valorizar menos as representações de identidades locais ou regionais. Se algumas representações de identidades regionais se confundem com a representação da identidade brasileira, como no caso do Rio de Janeiro (especialmente da zona sul da capital fluminense), outras parecem entrar em certo conflito. Em determinadas construções culturais, o gaúcho pode ser lido como um tipo específico de sujeito brasileiro ou como um sujeito diferente do brasileiro.

Na construção das representações sociais sobre o Rio Grande do Sul, o estado acaba sendo lido de forma unificada e posto em uma posição particular em relação ao Brasil que poderiam ser explicadas por suas características geográficas, sua posição estratégica, seu povoamento, economia e a forma de participação na história brasileira. Em algumas situações o Rio Grande do Sul “é freqüentemente contraposto como um todo ao resto do país, com o qual manteria uma relação especial, a ponto de ser, às vezes, chamado jocosamente por outros brasileiros de ‘esse país vizinho e irmão do Sul’” (OLIVEN, 2002, p. 163).

O futebol, que ao longo do século XX ocupou uma posição tão destacada frente à construção da identidade brasileira, não ficaria de fora dessa disputa identitária. Em 1983, no CP, Lasier Martins destacou de quem era a conquista: “Está em festa todo o futebol regional, independente das cores. O sucesso do Grêmio projeta como nunca o Rio Grande esportivo, além de despertar seu tradicional adversário” (1983, p. 17). Ainda no CP, Antônio Goulart, explanou que o Grêmio serviria de exemplo ao futebol brasileiro, “particularmente para aquele que tem caracterizado nossas últimas seleções nacionais. No fundo, o que importa não é apenas o lado estético, é também o prático, o objetivo, o simples, porém eficiente” (1983, p. 17). O próprio treinador do Grêmio, Valdir Espinosa, destacou, em ZH, que a conquista beneficiaria o coletivo dos treinadores gaúchos que fariam parte “de uma escola vitoriosa” (1983l, p. III).

Em 1983, além dos textos jornalísticos, a publicidade também comemorou a primeira conquista de Libertadores do Rio Grande do Sul. A propaganda das Lojas Renner dizia: “Grande Grêmio. Os gaúchos são campeões da Libertadores” (1983k, p.11). A Springer associava-se a conquista gremista e associava o clube aos talentos locais: “Não é de hoje que a Springer vem mostrando e exportando para o mundo inteiro a qualidade do que se faz aqui no Rio Grande. Dá-lhe Grêmio!” (1983s, p. 13). A Samrig, que veiculou sua propaganda tanto no CP como em ZH, aproveitou para descrever os predicados que possibilitaram a conquista: “A garra gaúcha cresceu. A força da nossa gente garantiu mais um título para o Brasil. Este ninguém mais nos tira.

Agora é buscar o outro, lá em Tóquio. Dá-lhe Grêmio!” (1983g, p. 17 e 1983h, p. 17). A Rede Brasil Sul ampliou a abrangência da conquista “O Sul campeão da América o Sul da alegria obrigado, Grêmio” (1983m, p. 33). A proximidade do leitor ou do consumidor de ZH permitiu que se pudesse falar em Sul sem uma referência rigorosa a geografia, uma vez que o adversário do Grêmio era um clube do Uruguai que, geograficamente, fica mais ao Sul que o tal Sul que apareceu na publicidade.

Ao elogiar os méritos da conquista gremista em ZH, Wianey Carlet fez um elogio “a rejuvenescida torcida do Grêmio, que inspirou-se nas mais empolgadas torcidas argentinas para ensinar ao Brasil que é possível viver um mundo de honestas e saudáveis alegrias sobre o cimento insensível das arquibancadas” (1995, p. 89). O mesmo mediador complementa sobre a conquista gremista: “recuperaram para todos nós, brasileiros, o que a nossa seleção não conseguiu na Copa América: a hegemonia continental” (Ibidem).

Na capa do CP, em 2006, o Internacional foi adjetivado como clube gaúcho para diferenciar-se do adversário, o também brasileiro – São Paulo (2006a, capa). O clube também se somou a um seletor grupo, tornando-se “o oitavo clube brasileiro a vencer a competição continental” (Ibidem). Em ZH, a participação da torcida que cantava o Hino Rio-grandense teve destaque. A matéria ressaltou uma frase especial do hino “De modelo a toda terra” (MENDES, 2006, p. 4). A publicidade do Clube dos 13 que homenageava o Internacional fazia a clara associação ao título brasileiro dos colorados: “Internacional. Mais um clube brasileiro a caminho da terra do sol nascente. Parabéns, Internacional. Parabéns, futebol do Brasil” (2006c, p. 14). O presidente Fernando Carvalho também destacou a associação do Internacional com o Brasil, “conquistamos esse título maravilhoso com o Brasil inteiro torcendo por nós – com exceção de duas torcidas apenas” (2006b, p. 53).

No Caderno Especial, veiculado no CP, em 2010, o Internacional derrubava um tabu de onze anos do futebol brasileiro ao ser campeão derrotando um adversário estrangeiro na final (2010h, p. 8). Pelé, que fora convidado de honra do patrocinador da competição, destacou sua alegria: “estou feliz, estamos aqui como brasileiros, este time do Inter é muito bom” (2010g, p. 29). Hiltor Mombach, ao destacar o bicampeonato colorado, reproduziu o hino do Sport Club Internacional que em suas duas últimas linhas destaca o duplo pertencimento do clube ao Brasil e ao Rio Grande do Sul: “Vibra o Brasil inteiro com o clube do povo do Rio Grande do Sul” (2010, p. 31). Em ZH, Luiz Zini Pires, destacou um diálogo do presidente do Internacional Vitorio Piffero com

jornalistas argentinos que queriam saber os motivos do clube gostar tanto de atletas do país vizinho. O presidente destacou a singularidade fronteiriça do Rio Grande do Sul, que receberia forte influência das culturas uruguaia e argentina. A conclusão da descrição do diálogo operava com uma lógica própria a noção de identidade, que, arbitrariamente, apaga algumas diferenças e faz valer apenas os aspectos de identificação. O presidente “garantiu que Pato, Guiñazu e D’Alessandro não são mais estrangeiros, nem argentinos. São colorados” (2010, p. 69).

A produção da notícia é atravessada por diferentes posições de sujeito e diferentes perspectivas identitárias. Os jornalistas e cronistas se associam a uma determinada identidade profissional assim como se diferenciam de outros atores envolvidos em sua área de atuação. Além disso, ao endereçarem seus textos os jornalistas produzirão, com maior ou menor grau de relevância, um leitor imaginado. No caso do jornalismo esportivo, provavelmente, o principal leitor seja o torcedor.

Em diferentes textos, os torcedores acabam circulando entre as posições de público e de protagonistas dos espetáculos esportivos. Ao descreverem a superação, o heroísmo, a rivalidade e outros atributos, nos três títulos em que as partidas finais ocorreram em Porto Alegre também foram narradas as façanhas realizadas pelos torcedores nos estádios Olímpico e Beira-Rio.

Para o centroavante César, no CP, a “torcida nos ajudou muito” (1983d, p. 16). O goleiro Mazaropi seguiu a mesma linha, “agradecemos o imenso apoio desta fabulosa torcida. Prometemos o título e ele é nosso” (Ibidem). Outra matéria do CP destacava o reconhecimento dos atletas aos torcedores desde o título: “De León não esquece a torcida” (1983f, p. 16). Na reportagem o capitão afirmava que “foi graças justamente a essa massa que esteve aqui hoje (ontem). Eles merecem isto. Merecem este título. A torcida foi fabulosa. Sempre acreditou em nós. Sem ela não teríamos chegado lá” (Ibidem). Antônio Goulart destacou que o Grêmio não ganhou apenas pelos gols dos centroavantes Caio e César, “mas também com o inestimável apoio de uma torcida que lotou o Olímpico e praticamente não silenciou nunca e fez festa na cidade madrugada afora” (1983, p. 17). Em ZH, Cid Pinheiro Cabral, reforçou o “papel importante o da torcida, que do princípio ao fim estimulou sua equipe, até mesmo nos momentos mais difíceis” (1983, p. 41).

Ilgo Wink, no CP em 2006, destacou que “torcedores se abraçavam emocionados, em transe, saboreando aquele instante de felicidade indescritível. Todo o sofrimento da longa espera, do sacrifício feito para jogar a decisão com o time e não

ficar de fora do momento histórico” (2006, contracapa). Carlos Corrêa registrou que o time do Internacional foi “apoiado por sua torcida do primeiro ao último minuto” (2006, p. 27). ZH promoveu uma reportagem especial com os torcedores que “sofreram, rezaram, choraram, fizeram promessas, roeram as unhas. E venceram a Libertadores” (MENDES, 2006, p. 4).

Em homenagem ao bicampeonato do Internacional, o grupo Record RS veiculou uma publicidade em que definia o “sistema tático da torcida colorada: todo mundo pra cima do adversário. Resultado: Inter bicampeão da América” (2010e, p. 28). O subtítulo da capa do Caderno de Esportes de ZH deu protagonismo aos torcedores colorados. “Com a força de uma torcida enlouquecida, o Inter, do capitão Bolívar, vence o Chivas por 3 a 2, de virada, e conquista a América pela segunda vez” (2010i, p. 55).

Falar de futebol gaúcho, especialmente a partir das representações clubísticas, é falar da rivalidade Gre-Nal. Essa rivalidade é constitutiva das formas de significação do futebol no Rio Grande do Sul e é sempre alimentada na imprensa esportiva. Essa forte rivalidade acaba potencializando as construções identitárias, uma vez que a identidade “se define em *relação ao outro* –, pelo contraste que possibilita aos grupos formularem identidades que permitam reconhecerem-se e serem reconhecidos” (MACIEL, 2002, p. 191). Em pesquisa anterior (BANDEIRA, 2009), destaquei que as construções de identidade e alteridade nos torcedores de futebol aconteciam entre sujeitos bastante parecidos. Apesar dessa semelhança, o rival não seria irrelevante, pois serviria para destacar o limite e a fronteira da identidade de uma torcida. É essa proximidade identitária, histórica e esportiva, que permite a rivalidade Gre-Nal manter-se como uma grande rivalidade em constante atualização, “a necessária tensão da configuração estará ausente se um dos adversários se revelar excessivamente superior ao outro em força e técnica, porque nesses casos o jogo depressa termina na derrota do lado mais fraco” (ELIAS, 1992, p. 233).

Lasier Martins, no CP, destacava os gols gremistas na final contra o Penharol: “O Grêmio ganhou a Libertadores com gols de centroavantes – Caio e César – justamente aquilo que o tradicional adversário não teve em 80” (1983, p. 17). Em uma reportagem que destacava a alteração do consumo na cidade em função da partida decisiva, um vendedor ambulante anunciava: “aproveitem, xis com chorinho de colorado” (1983o, p. 18). A lógica da rivalidade na construção noticiosa da imprensa esportiva gaúcha ultrapassa os confrontos entre Grêmio e Internacional. Em ZH, uma reportagem sobre o zagueiro uruguaio De León, comentava o sabor especial da vitória

para o defensor: “o zagueiro uruguaio ganhou um jogo em cima do velho rival dos tempos do Nacional, o Penharol” (SILVA et al, 1983, p. 34). ZH também destacou o aumento da movimentação na cidade no dia da decisão. Um vendedor ambulante afirmava ter vendido “um número razoável de bandeiras e fitinhas de ‘Penharol campeão’. Mas segundo ele, para colorados, e não para uruguaios” (ROCHA, 1983, p. 38). O mediador, porém, entendia que “isto parece ser referência à minoria dos colorados. Porque havia mais que a disputa entre Grêmio e Penharol no ar. Havia um clima de Brasil X Uruguai” (Ibidem, 1983, p. 38). Outro vendedor ambulante reclamou da torcida tricolor, “gremista é fogo. Só compra depois do jogo, se o time vencer. Não é que nem colorado, que compra antes, mesmo” (1983n, p. 39). Também foi destaque a resposta dada pelo presidente do Grêmio, Fábio Koff, à apresentadora Maria do Carmo do Jornal do Almoço, da RBS TV: “eu tenho dois times: o Grêmio e aquele que jogar contra o Internacional” (1983b, p. 40). Na charge de Marco Aurélio, o texto da legenda dizia: “enquanto eles [gremistas] vão ver o sol nascente nós [colorados] ficamos com o pôr-do-sol do Guaíba” (1983, p. 41). Carlos Nobre disse que a torcida do Internacional “secou tanto que deixou o Olímpico mais seco que o Nordeste” (1983, p. 47). A dimensão da rivalidade é tão importante, que Renato, um dos principais destaques da campanha na Libertadores, ainda pedia desculpas por um Gre-Nal anterior: “Lembra quando eu fui expulso do Gre-Nal decisivo de 1982 pelo campeonato regional? Pois ganhando o mais importante campeonato da América eu quero que os torcedores esqueçam aquela expulsão e, de hoje em diante, lembrem do Renato como um verdadeiro campeão. Acho que isto serve para amenizar aquela derrota para o Internacional. É uma mudança de imagem” (1983p, p. II).

Em 1995, as marcações sobre a rivalidade foram significativamente menores. Apenas um torcedor entrevistado para ZH durante as comemorações afirmava: “Hoje não tem colorado que me aguente” (1995d, p. 78). Novamente, a publicidade se valeu desse conteúdo importante de significação para os torcedores. A propaganda da NET, televisão por assinatura, destacava: “o bom da NET é que tanto gremistas quanto colorados podem conquistar o mundo” (1995c, p. 59). A campanha ainda completava: “não é porque o Grêmio está com as malas prontas para Tóquio que os colorados vão deixar de conquistar o mundo” (Ibidem).

Em 2006, em ZH, utilizando o marcador naturalidade para essencializar sua identidade gaúcha, o ex-jogador da seleção brasileira de voleibol, Renan Dal Zotto, “um gremista, acima de tudo, gaúcho” (ZAFFARI, 2006, p. 52) deixaria a rivalidade de lado

na torcida pelo Internacional: “torço pelo Rio Grande. Hoje (ontem), torço pelo Inter” (Ibidem). A coluna de Paulo Sant’Anna esteve toda destacada sobre o título do Internacional. Porém, o colunista destacava as conquistas gremistas anteriores argumentando que “nós, gremistas, estamos interpretando com a máxima exatidão toda a imensa alegria de que estão possuídos os torcedores do Internacional” (2006, p. 63). O título do Internacional ter sido conquistado após os títulos gremistas, não foi esquecido pelo mediador: “foi preciso 23 anos para que os colorados viessem a compreender a nós gremistas [...]. Agora, só agora, os colorados passaram a entender-nos. [...] não éramos enfatuados, éramos orgulhosos” (Ibidem). Por fim, tentando explicitar certa superioridade, o mediador escreveu: “bem-vindos ao clube dos campeões da América, colorados” (Ibidem).

Na campanha do bicampeonato do Internacional, o clube optou por trocar o treinador. Sobre essa troca o CP fez destaques que envolviam diretamente a rivalidade Gre-Nal. O presidente colorado, Vitorio Piffero, e um grupo de dirigentes gostariam que o treinador para substituir o uruguaio Jorge Fossati fosse Luiz Felipe Scolari “que pediu um caminhão de dinheiro e desdenhou a proposta colorada se dizendo, oficialmente, gremista” (2010d, p. 10). Segundo a reportagem a contratação de Celso Roth foi uma iniciativa de Fernando Carvalho “por incrível que pareça, resultado da indicação de um gremista: Fábio Koff” (Ibidem). Outra matéria no mesmo CP destaca o protagonismo da rivalidade Gre-Nal, mesmo que as duas equipes não estivessem disputando a mesma competição: “Que graça teria ganhar um título se não existisse, no dia seguinte à conquista, a tradicional corneta? [...] os colorados abusaram das provocações aos maiores rivais. Sobrou para o técnico do Grêmio, Renato Portaluppi” (2010b, p. 30). Uma publicidade de ZH pareceu querer unificar todos os torcedores/leitores do Rio Grande do Sul. A frase da peça dizia: “Um dia você acorda e descobre que seu estado é tetracampeão da Libertadores” (2010j, p. 49). Por fim, a coluna de Paulo Sant’Anna, na última página do jornal foi mais agressiva que a de quatro anos antes. Com o título “Não deu nem pra secar” (2010, p. 71), Sant’Anna foi bastante direto com seus colegas de imprensa: “Parabéns aos torcedores colorados, aos dirigentes colorados, aos jogadores colorados e aos jornalistas e radialistas colorados que se autoimpõem o dever de não declararem por que time torcem. Todos estão de parabéns!!! Festejem e assumam” (Ibidem).

Na representação do tipo social do Rio Grande do Sul, o gaúcho⁸, as duras tarefas enfrentadas exigiriam que esse sujeito fosse “marcado pela bravura que é exigida do homem ao lidar com as forças da natureza e a árdua vida campeira” (OLIVEN, 2002, p. 165). Outro elemento significativo na representação dos gaúchos, as memórias de guerra aparecem como protagonista para justificar uma série de entendimentos sobre esse homem⁹. Esse homem não é o genérico de humanidade, mas é o homem do gênero masculino protagonista nas representações dos que vivem no Rio Grande do Sul e também dos que atuam no futebol, “o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade” (BOURDIEU, 1983, p. 140). O futebol utiliza uma importante linguagem bélica, podendo ser entendido como um substituto para os impulsos direcionados ao conflito armado (BRANCO, 2006). Essa presença do caráter belicoso e viril nas narrativas futebolísticas permite que a identidade do gaúcho possa reverberar ainda mais nas representações de futebol gaúcho. Celso Branco argumenta que na origem da representação do selecionado brasileiro “os jogadores se tornam ‘soldados’, ‘sargentos’, ‘tenentes, majores, capitães, coronéis, e mesmo generais’. Como todo bom soldado, o jogador brasileiro precisa de ‘garra’, de ‘raça’ e amor à pátria” (2006, p. 200).

A discursividade bélica e a superação são bastante constantes e utilizadas na tentativa de produção de heróis e ídolos. Em 1983, Hugo de León declarou ao CP que “nós passamos por muitas coisas nessa Libertadores e superamos todas. Provamos realmente que somos campeões de direito e de fato. Este título é nosso. Contra tudo e contra todos” (1983f, p. 16). Renato destacava os ingredientes que permitiram ao Grêmio conquistar seu primeiro título continental: “não faltou garra e vontade” (1983d, p. 16). Antônio Goulart, no CP, caracterizou o Grêmio campeão: “os campeões se

⁸ “a tradição e a historiografia regional tendem a representar seu habitante através de um único tipo social: o gaúcho, o cavaleiro e peão de estância da região sudoeste do Rio Grande do Sul. Embora brasileiro, ele seria muito distinto de outros tipos sociais do país, guardando, às vezes, mais proximidade com seu homônimo da Argentina e do Uruguai. Na construção social da identidade do gaúcho brasileiro, há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura, cuja existência seria marcada pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra, etc” (OLIVEN, 2002, p. 166-167).

⁹ O escritor Érico Veríssimo justificava certos comportamentos do homem gaúcho com as dificuldades enfrentadas na vida campeira “Pense nas duras atividades da vida campeira – alçar, domar e marcar potros, conduzir tropas, sair da faina diária quebrando a geada nas madrugadas de inverno – e você compreenderá por que a virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho. Esse tipo de vida é responsável pelas tendências algo impetuosas que ficaram no inconsciente coletivo deste povo, e explica a nossa rudeza, a nossa às vezes desconcertante franqueza, o nosso hábito de falar alto, como quem grita ordens, dando não raro aos outros a impressão de que vivemos num permanente estado de cavalaria” (Érico Veríssimo, 1969 apud OLIVEN, 2002, p. 165).

forjam mais na base da garra, do suor e do sangue do que da técnica e do jogo bonito” (1983, p. 17). O subtítulo da capa de ZH também destacava a “vitória da garra tricolor” (1983j, capa). Na contracapa, a definição era de que “o Grêmio foi valente durante os 90 minutos. Marcou primeiro, sofreu o empate, mas teve muita garra para chegar a vitória no final” (1983q, contracapa). O zagueiro uruguaio Hugo De León foi personagem destacado da conquista, especialmente porque “dentro de campo mostrou toda sua garra, liderança e força para vencer a partida” (1983e, p. III). O título da crônica da partida também destacou a principal virtude tricolor: “Um título conquistado com muita garra e emoção” (1983r, p. 35). As narrativas de superação podem ter as equipes como foco, mas também os esforços e o enfrentamento da dor por parte dos atletas. Sobre o centroavante Caio, ZH destacou que ele “deixou o campo com a perna arrastando, por causa de uma lesão que o incomodava antes ainda da viagem a Montevidéu. Mesmo assim, o atacante não queria ficar fora desta decisão, foi no sacrifício e foi o responsável pela vitória do seu time” (1983c, p. 37).

Hiltor Mombach, no CP, destacou os elementos que garantiram a vitória gremista na Colômbia: “com uma atuação de força e determinação, o Grêmio conquistou o bicampeonato da Libertadores” (1995a, contracapa). Para suportar as investidas do ataque adversário, as descrições não destacaram as virtudes técnicas da defesa gremista: “Angel entrou livre pelo meio e desviou na saída de Danrlei, que defendeu corajosamente” (Ibidem). Na coluna De Primeira, o mesmo Mombach acrescentou outras virtudes da conquista gremista que “buscou o título com um futebol de garra, nervoso, mas acima de tudo bravo, forte” (1995b, p. 30). Em ZH, o destaque foi de que o “Grêmio suporta com valentia a pressão do Nacional” (1995a, p. 74). Outro destaque se deu em relação ao volante Dinho, autor do gol de empate da segunda partida final. A reportagem iniciou pelos desejos da direção ao contratar o jogador: “a direção [...] desejava um volante experiente, de boa técnica, corajoso e que, de sobra, ainda possuísse uma garra incomum” (1995b, p. 76). Segundo a reportagem, o jogador soube corresponder às expectativas: “A coragem apareceu sempre que o momento exigia. E a garra esteve presente em todos os jogos dos quais participou” (Ibidem).

Na final da Libertadores de 2006, o Internacional precisou suportar a pressão dos então campeões mundiais para garantir o título inédito (2006a, capa). Alguns dos motivos para a conquista foram listados: “o Inter foi valente, raçudo e segurou o resultado” (Ibidem). Ilgo Wink destacou o apoio dado pela torcida aos “guerreiros colorados” (2006, contracapa). Na Coluna De Primeira, Hiltor Mombach fez um curioso

elogio à equipe colorada: “time macho esse. Macho à gaúcha. Macho de fazer argentino morrer de inveja. Macho como honra à tradição do Rio Grande. Macho!” (2006, p. 26). Carlos Corrêa iniciou a crônica da partida afirmando que o “Inter foi bravo e destemido na batalha final da Libertadores” (2006, p. 27). O título da crônica também destacava essas características: “Inter campeão com garra e bravura” (Ibidem). O presidente “Fernando Carvalho, lembrou o sofrimento durante toda a partida. ‘Foi terrível. Foi uma vitória obtida a fórceps’” (FALKOWSKI, 2006, contracapa). Elio Bandeira, em matéria que destacava o capitão Fernandão, destacou que o primeiro gol colorado foi marcado com “raça” (2006, p. 27). O próprio atleta destacou as dificuldades ao longo da competição “Só quem participou desse grupo sabe como foi difícil. Desde o início a gente demonstrou muita determinação para buscar o título” (Ibidem). Em ZH, uma matéria destacava o comportamento do único atacante colorado na partida: “na frente, apenas ele, Rafael Sobis, valente [...]. Sobraram valentia, para encarar Lugano, e arrojo para levar o time à frente” (PERETTI, 2006, p. 50).

O capitão colorado no bicampeonato foi o zagueiro Bolívar, chamado pelos torcedores de “general”, segundo matéria do CP (2010g, p. 29). As narrativas de superação apareceram em ZH associadas a personagens específicos e não ao time do Internacional. Rafael Sobis foi chamado de Jesus Cristo dada sua importância nas decisões, “se jogasse apenas decisões, seria Jesus Cristo, pois só Jesus Cristo salva. Nem jogava bem, mas assim como em 2006, fez o que se exige de um atacante: gol de título” (2010a, p. 58). Na cotação da partida, em ZH, Guiñazu foi exaltado por aguentar as dores no tornozelo, “Não fosse um guerreiro, teria sucumbido” (OLIVIER, 2010a, p. 57). Tinga também foi descrito como “um guerreiro” (OLIVIER, 2010b, p. 57). Além dos textos jornalísticos, a publicidade soube usar essa textualidade em suas inserções em ZH. A Reebok, fornecedora do material esportivo do Internacional, colocou um desenho do jogador Guiñazu carregando uma bandeira do Sport Club Internacional a frente de um exército de torcedores (2010f, p. 21). O Grupo RBS saudou o bicampeonato destacando que “a garra do time e a força da torcida construíram esse título” (2010c, p. 67).

A identidade gaúcha não trata de indivíduos específicos, mas sim, de sujeitos construídos pelos discursos que acabarão servindo como referência permitindo que os indivíduos se inscrevam em determinadas discursividades, inclusive hierarquizando os sujeitos. “O gaúcho [...] é uma figura emblemática que age no nível do simbólico, aglutinando idéias, valores, julgamentos, partilhados pelo conjunto de pessoas que têm

nele seu referencial identitário de pertencimento regional” (MACIEL, 2002, p. 194). Evidentemente essa construção não é unívoca e poderão aparecer situações de resistência a essa representação. Dizer, porém, que diferentes representações de “gauchismo” são produzidas no terreno cultural (e, nesse caso específico, no futebol), não implica ignorar que essas produções possuem desigualdades importantes de legitimidade

[...] não é suficiente afirmar que os sujeitos humanos são construídos, pois a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos “humano”, o inumano, o humanamente impensável. Esses locais excluídos vêm a limitar o “humano” com seu exterior constitutivo, e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação (BUTLER, 2001, p. 161).

Através das discursividades da imprensa esportiva sobre o futebol gaúcho podemos visualizar que elementos são mais valorizados em detrimento de outros, que características poderão aproximar uma determinada prática futebolística do chamado futebol gaúcho.

Futebol gaúcho campeão da América

Ao longo desse artigo procurei discutir como a imprensa esportiva, com suas particularidades, atuou na construção de representações de futebol gaúcho a partir da repercussão das conquistas da Libertadores da América pelos clubes de Porto Alegre. Quais características foram exaltadas nesse momento de grande emoção, sofrimento e nervosismo.

Os títulos foram creditados a diferentes comunidades simbólicas. Em determinados momentos apenas os clubes foram campeões enquanto em outros o futebol gaúcho ou ainda o futebol brasileiro. Em 1983 o título foi do Grêmio e do futebol gaúcho. A conquista do Internacional em 2006 esteve mais associada à entrada do clube no seleto grupo de oito agremiações brasileiras campeãs da Libertadores. Em 1983 e 1995, o Grêmio foi utilizado por diferentes mediadores como contraponto ao futebol brasileiro. Em 1995, além de o time ter recuperado o título sul-americano, perdido pela seleção brasileira, a torcida gremista poderia, inclusive, “ensinar” atitudes mais saudáveis às torcidas dos outros clubes brasileiros. Em 1983, o Grêmio mostrou que para além do lado estético do futebol que caracterizava os últimos selecionados nacionais, também era necessária a praticidade, a objetividade, a simplicidade e a

eficiência. Uma frase do hino colorado parece resumir bem esse trânsito entre ser um representante gaúcho e brasileiro: “brilha o Brasil inteiro com o clube do povo do Rio Grande do Sul”.

A rivalidade apareceu como ponto constitutivo do futebol gaúcho. Os méritos do Grêmio campeão em 1983 foram comparados ao Internacional vice-campeão em 1980. Foram constantes as provocações dos torcedores campeões aos torcedores rivais, mesmo que esses não estivessem disputando a competição. As tentativas de unificar gremistas e colorados para torcerem juntos por um dos dois clubes apareceram, mas a aproximação de gremistas e colorados esteve, na maioria dos casos, ligada ao pitoresco. A troca de treinador durante a campanha do bicampeonato do Internacional foi um momento bastante exemplar. O treinador Luiz Felipe Scolari (campeão pelo Grêmio em 1995) recusou a proposta do Internacional por ser gremista. Porém, o aval para a contratação de Celso Roth teria sido dado “por incrível que pareça” pelo ex-presidente do Grêmio Fábio Koff (campeão em 1983).

Como vimos, para serem campeões da América os clubes gaúchos não puderam dispensar a garra e a vontade contra tudo e contra todos. O Grêmio campeão em 1983 foi forjado com mais garra, sangue e suor do que da técnica e do jogo bonito. Hugo De León foi o destaque por mostrar sua garra, liderança e força. O centroavante Caio superou as dores e disputou a partida no sacrifício. A força e a determinação levaram o Grêmio ao bicampeonato em 1995. Danrlei precisou de coragem para defender o gol gremista. Garra e bravura somaram-se aos atributos gremistas para garantir o título em terras colombianas. O destaque da conquista ficou por conta de Dinho com sua coragem e garra incomum. Para conquistar seu primeiro título em 2006, o Internacional precisou ser valente e raçudo. O time foi macho à gaúcha, como mandam as tradições do Rio Grande. A garra e a bravura fizeram o Internacional conquistar o título a fórceps. Em 2010, o capitão e general Bolívar somou-se ao salvador Rafael Sobis e aos guerreiros Guiñazu e Tinga para conquistar novamente a América com garra.

Ao pensarmos nas discursividades sobre o futebol gaúcho na imprensa esportiva chama a atenção como as virtudes de força, bravura e valentia são predominantes ao contrário de técnica e habilidade. Grêmio e Internacional conquistaram as Libertadores com bons times e ótimos jogadores. Porém, as representações dessas conquistas são associadas a outros adjetivos. Se na representação mítica de futebol brasileiro a alegria e a malemolência aparecem com protagonismo, na representação mítica de futebol gaúcho campeão da América as características singularizantes são os elementos viris de

força, coragem, garra e bravura. Os gaúchos campeões da América são representados como machos. Machos como mandam as tradições do Rio Grande.

Referências

- ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.
- ARCHETTI, Eduardo P. El potrero y el pibe. Territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: PPGAS/IFCH, ano 14, n. 30, jul./dez., 2008, p. 259-282.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. “*Eu canto, bebo e brigo...alegria do meu coração*”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. In: *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010, p.107-122.
- BOTELHO, André Ricardo Maciel. Da geral à tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol (1900-1920). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória Social dos Esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: Faperj, 2006, p. 313-335.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-53.
- BRANCO, Celso. Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória Social dos Esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: Faperj, 2006, p. 187-227.
- BUCCI, Eugênio. O vício e a virtude. In: BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 129-87.
- BUENO, Wilson da Costa. Chutando pra fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro. In: José Carlos Marques; Sérgio Carvalho; Vera Regina T. Camargo. (Org.). *Comunicação e esporte-tendências*. 1 ed. Santa Maria: Editora Pallotti, 2005, v. 1, p. 13-27.
- COELHO, Frederico Oliveira. Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória Social dos Esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: Faperj, 2006, p. 229-257.

DAMO, ArleiSander. O *ethos* capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, SimoniLahud. (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p.39-72.

DAMO, ArleiSander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 223-256.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GIOLO, Jaime. Apresentação. In: RECZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (orgs.). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 5-7.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2001, p. 7-34.

MACIEL, Maria Eunice. A atualização do passado. In: RECZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (Orgs.). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 191-205.

MARQUES, José Carlos. O estigma de ser jornalista esportivo: a discriminação do profissional de esporte na imprensa brasileira. In: *XXVI Congresso da Intercom*, 2003, Belo Horizonte/MG. Anais do XXVI Congresso da Intercom. São Paulo: Intercom, 2003, p. 1-13.

MESSA, Fábio de Carvalho. Jornalismo Esportivo não é só entretenimento. In: *8 Forum Nacional de Professores de Jornalismo*, 2005, Maceió/AL. 8 Forum de Professores de Jornalismo: Produção Laboratorial Impressa, 2005, p. 1-8.

OLIVEN, Ruben George. O processo de construção da identidade gaúcha. In: RECZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (Orgs.). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 163-190.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da. Futebol: uma paixão coletiva. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória Social dos Esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: Faperj, 2006, p. 15-32.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª reimp., 2003.

Referências do material empírico

- A estrela Sobis. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 58, 19 ago. 2010a.
- A reconquista da América. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 74, 31 ago. 1995a.
- AGORA é buscar um título em Tóquio. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 16, 29 jul. 1983a.
- AGORA, o mundo. *Correio do Povo*. Porto Alegre, capa, 17 ago. 2006a.
- AURÉLIO, Marco. Japão. *Zero Hora*. Porto Alegre, 29 jul. 1983. Marco Aurélio, p. 41.
- BANDEIRA, Elio. Fernandão, o iluminado. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 27, 17 ago. 2006.
- BOLA dividida. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 40, 29 jul. 1983b.
- CABRAL, Cid Pinheiro. Agora, Tóquio. *Zero Hora*. Porto Alegre, 29 jul. 1983. Cid Pinheiro Cabral, p. 41.
- CAIO jogou machucado mas deu início a festa. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 37, 29 jul. 1983c.
- CARLET, Wianey. Cerejeiras em flor. *Zero Hora*. Porto Alegre, 31ago. 1995. Bola Dividida, p. 89.
- CARVALHO chorou. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 53, 17 ago. 2006b.
- CHURRASCO, cerveja e corneta na espera pela decisão. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 30, 19 ago. 2010b.
- COIMBRA, David. Para sempre. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 46, 17 ago. 2006.
- CORRÊA, Carlos. Inter campeão com garra e bravura. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17 ago. 2006, p. 27.
- DE Espinosa a Enio. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 16, 29 jul. 1983d.
- DE León e Tita: os bicampeões. *Zero Hora*. Porto Alegre, 29 jul. 1983e. Suplemento Especial, p. III.
- DE León não esquece a torcida. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 16, 29 jul. 1983f.
- DINHO aliou técnica, garra e experiência. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 76, 31 ago. 1995b.
- ESTÁ tudo azul. *Correio do Povo* (Publicidade Samrig). Porto Alegre, p. 17, 29 jul. 1983g.

ESTÁ tudo azul. *Zero Hora* (Publicidade Samrig). Porto Alegre, p. 17, 29 jul. 1983h.

FALKOWSKI, Fabrício. De novo!!! De novo!!! *Correio do Povo*. Porto Alegre, contracapa, 19 ago. 2010.

FALKOWSKI, Fabrício. Abel chora, lembra Deus e a família. *Correio do Povo*. Porto Alegre, contracapa, 17 ago. 2006.

GOULART, Antônio. As marcas do campeão. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.17, 29 jul. 1983.

GRÊMIO campeão. *Correio do Povo*. Porto Alegre, capa, 29 jul. 1983i.

GRÊMIO campeão da América. *Zero Hora*. Porto Alegre, capa, 29 jul. 1983j.

INTER bi campeão. *Zero Hora* (Publicidade Grupo RBS). Porto Alegre, p. 67, 19 ago. 2010c.

INTERNACIONAL. *Zero Hora* (Publicidade Clube dos 13). Porto Alegre, p. 14, 17 ago. 2006c.

MARTINS, Lasier. Meio mundo já foi. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 17, 29 jul. 1983.

NOBRE, Carlos. E a torcida do Inter ontem? *Zero Hora*. Porto Alegre, 29 jul. 1983. Carlos Nobre, p. 47.

MENDES, Moisés. Caras e corações campeões. *Zero Hora*. Porto Alegre, 17 ago. 2006, p. 4.

METADE da bola já é azul. *Zero Hora* (Publicidade Lojas Renner). Porto Alegre, p. 11, 29 jul. 1983k.

MOMBACH, Hiltor. O Inter se repete. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 19 ago. 2010. HiltorMombach, p. 31.

MOMBACH, Hiltor. Américas. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17 ago. 2006. De primeira, p. 26.

MOMBACH, Hiltor. Agora o bi em Tóquio. *Correio do Povo*. Porto Alegre, contracapa, 31 ago. 1995a.

MOMBACH, Hiltor. É bi. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 31 ago. 1995b. De primeira, p. 30.

NA mudança, aval de Koff. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 19 ago. 2010d. Caderno Especial, p. 10.

O bom da Net é que tanto gremistas quanto colorados podem conquistar o mundo. *Zero Hora* (Publicidade Net). Porto Alegre, p. 59, 31 ago. 1995c.

O santo de casa fez milagre. *Zero Hora*. Porto Alegre, 29jul. 1983l. Suplemento especial, p. III.

O Sul campeão da América. *Zero Hora* (Publicidade Rede Brasil Sul). Porto Alegre, p. 33, 29 jul. 1983m.

OLIVIER, Diogo. Guiñazu. *Zero Hora*. Porto Alegre, 19 ago. 2010a. Cotação, p. 57.

OLIVIER, Diogo. Tinga. *Zero Hora*. Porto Alegre, 19 ago. 2010b. Cotação, p. 57.

OSTERMANN, Ruy Carlos. América. *Zero Hora*. Porto Alegre, 17 ago. 2006. Ruy Carlos Ostermann, p. 57.

PERETTI, Daniela. A raça de Sobis. *Zero Hora*. Porto Alegre, 17 ago. 2006, p. 50.

PIRES, Luiz Zini. Argentinos. *Zero Hora*. Porto Alegre, 19 ago. 2010. Bola Dividida, p. 69.

PORTO Alegre amanhece ao som da festa tricolor. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 78, 31 ago. 1995d.

PRESSA e entusiasmo no Olímpico. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 39, 29 jul. 1983n.

QUANDO tudo silencia na homenagem ao futebol. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 18, 29 jul. 1983o.

RENATO pagou a dívida. *Zero Hora*. Porto Alegre, 29 jul. 1983p. Suplemento Especial, p. II

ROCHA, Elizário Goulart. Um dia de loucura na cidade. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 38-39, 29 jul. 1983.

SANT'ANNA, Paulo. Não deu nem pra secar. *Zero Hora*. Porto Alegre, 19 ago. 2010. Paulo Sant'Anna, p. 71.

SANT'ANNA, Paulo. Parabéns, colorados! *Zero Hora*. Porto Alegre, 17 ago. 2006. Paulo Sant'Anna, p. 63.

SILVA, Jones Lopes [et al]. De León o caudilho uruguaio garantiu a vitória. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 34, 29 jul. 1983.

SISTEMA tático da torcida colorada. *Correio do Povo* (Publicidade Grupo Record RS). Porto Alegre, p. 28, 19 ago. 2010e.

SÓ existe uma coisa tão incrível quanto conquistar a América. *Zero Hora* (Publicidade Reebok). Porto Alegre, p. 21, 19 ago. 2010f.

SOBROU heroísmo nesta conquista. *Zero Hora*. Porto Alegre, contracapa, 29 jul. 1983q.

SUOR antes da conquista da América. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 29, 19 ago. 2010g.

TABU quebrado estrangeiro derrotado. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 19 ago. 2010h. Caderno Especial, p. 8.

UM bravo bicampeão. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 55, 19 ago.2010i.

UM dia você acorda e descobre que seu estado é tetracampeão da Libertadores. *Zero Hora* (Publicidade Zero Hora). Porto Alegre, p. 49, 19 ago. 2010j.

UM título conquistado com muita garra e emoção. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 35, 29 jul. 1983r.

VAI ser bom assim lá no Japão. *Zero Hora* (Publicidade Springer). Porto Alegre, p. 13, 29 jul. 1983s.

WINK, Ilgo. Internacional, o dono da América. *Correio do Povo*. Porto Alegre, contracapa, 17 ago. 2006.

ZAFFARI, Fernanda. RS Sport Club.*Zero Hora*. Porto Alegre, 17 ago. 2006. Libertadores VIP, p. 52.